

**UNIVERSIDADE FEDERAL D RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

**CERÂMICA ATLÉTICO CLUBE DE GRAVATAÍ (RS): O
PROFISSIONALISMO E SUAS IDEOLOGIAS**

SAULO LORENZI BREIER

PORTO ALEGRE, 2015

**CERÂMICA ARTÍSTICA CIURF DE GRAVATAÍ (RS): O
PROFISSIONALISMO E SUAS IDEOLOGIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo
Professor Orientador Fabiano Bossle

Porto Alegre, 2015

RESUMO

O presente estudo é o Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Física – Licenciatura - da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Versa sobre a história do Cerâmica Atlético Clube, de Gravataí, Rio Grande do Sul. Fundado em 1950, este Clube de futebol se profissionalizou em 2007. O estudo tem como objetivo reconstituir a história do clube Cerâmica Atlético Clube, descrevendo as suas fases de desenvolvimento, desde a fundação até a fase de profissionalização. Foi realizada uma pesquisa histórica com análises de documentos históricos, como jornais da cidade de Gravataí, informações em meios eletrônicos – como sites -, documentos oficiais que o Clube disponibilizou e algumas bibliografias da história do Município e do Clube. Compreendemos que o Clube tem uma trajetória engajada em projeto social na formação de atletas, em aproximar a comunidade para si e fazer com que se aproxime dela mesma, através da formação de novos jogadores de futebol e educados cidadãos.

Palavras-Chave: Cerâmica Atlético Clube. Pesquisa Histórica. Município de Gravataí.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2 .PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	7
3. REVISÃO DE LITERATURA	8
4. FUNDAÇÃO DO CLUBE	11
5. FUTEBOL FEMININO	20
6. PROFISSIONALIZAÇÃO	25
7. MISSÃO SOCIAL	29
8. CAMPANHA DA FASE PROFISSIONAL	33
9. MINHA HISTÓRIA	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43

1- INTRODUÇÃO

Em Gravataí, havia dois clubes de futebol amador, o Esporte Clube Paladino, fundado em 1927 e o Clube Esportivo Alvi-Rubro fundado em 1933. Compunham a primeira e provavelmente maior rivalidade esportiva da cidade. Para esse clássico entre os clubes, é fundado o Cerâmica Atlético Clube (CAC), em 1950. Nome em referência também, como todos os nomes que Gravataí já teve, em alusão ao setor ceramista da Indústria de Conservas Farrapo Ltda, que atualmente não existe mais.

Como esse setor era o que tinha o trabalho mais árduo e repetitivo da indústria, sentiam a necessidade de momentos de lazer. Para tal, a melhor opção tornou-se o futebol. Com os clubes da cidade sem espaço para novos atletas, os funcionários do setor ceramista da indústria, junto com outros moradores de Gravataí, decidiram a ideia de criar um time de futebol e fundaram o Cerâmica Atlético Clube.

A partir de então, o clube buscou se firmar no cenário estadual e mais recentemente no cenário nacional, passando para a categoria de amador especial na década de 1980 e se profissionalizando em 2007. Com o desenvolvimento do clube, do departamento de futebol, da estrutura física e administrativa e com a campanha de profissionalização, o Cerâmica conseguiu agregar mais simpatizantes e torcedores, principalmente de Gravataí, no início deste século.

Com o objetivo de compreender e resgatar a história do único clube profissional em Gravataí no futebol de campo é que me proponho a escrever

sobre este tema. O Cerâmica Futebol Clube é de grande importância para a história da cidade e seu desenvolvimento uma vez que proporcionou a expansão de possibilidades turísticas e de lazer bem como colaborou muito para a união e confraternização entre as comunidades e bairros da cidade. O estudo se reconstituir a história do clube de futebol Cerâmica Atlético Clube, descrevendo as suas fases de desenvolvimento, desde a fundação até a fase de profissionalização.

2- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pesquisa histórica, de acordo com Kerlinger (1980), é o tipo de pesquisa que investiga eventos que já tenham ocorrido, utilizando métodos descritivos e analíticos. Em alguns estudos históricos, o investigador está propriamente interessado em preservar o registro de eventos e realizações passadas. Nesses estudos procura utilizar o método histórico-descritivo para mapear a experiência passada, localizar no tempo e espaço uma pessoa, uma tendência, um evento ou uma organização, a fim de providenciar respostas para questões particulares. Em outros estudos históricos, o investigador está mais preocupado em descobrir fatos que providenciarão maior compreensão e significância de eventos passados para explicar a situação presente ou estado atual do fenômeno estudado. Nesses estudos é utilizado o método histórico-analítico para abordar o evento na tentativa de encontrar informações sobre como o evento ocorreu, quem o provocou, porque foi provocado, quais as possíveis consequências atribuídas, entre outras.

Foi realizada uma pesquisa histórica com análises de documentos históricos, como jornais da cidade de Gravataí, informações em meios eletrônicos – como sites -, documentos oficiais que o Clube disponibilizou e algumas bibliografias da história do Município de Gravataí e do Clube. Os materiais que o próprio clube disponibilizou não colaboraram efetivamente com o trabalho desta pesquisa uma vez que não continham o que estava sendo procurado, portanto, não podiam enriquecê-lo. A maioria das informações encontradas e utilizadas neste estudo foram extraídas do livro comemorativo do aniversário de 60 anos do clube, que trazem o máximo de informações também retiradas de jornais da cidade e outras fontes.

3- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para falarmos do clube em questão, falaremos um pouco da sua cidade de origem e da relação do desenvolvimento da mesma com a criação do clube. Habitada pela tribo dos Carijós no séc. XVIII, as terras onde hoje está a cidade de Gravataí antigamente eram chamadas de Aldeia dos Anjos. Nome dado justamente em menção ao cacique, chamado de Anjo pelos padres jesuítas a serviço da coroa de Portugal. Após conceder cartas de sesmarias a quem já habitava por aqui, Portugal comprou parte das terras para povoar o assentamento da referente Aldeia com colonos portugueses e, ainda, índios que fugiam das guerras guaraníticas do interior do Estado, em 1763.

A Aldeia dos Anjos teria seu período de apogeu a partir de 1772 com a chegada de José Marcelino De Figueiredo, Governador da Província de São Pedro e que urbanizou o aldeamento, construindo escolas, olarias e moinhos. Em 1776 foi desmembrada da Freguesia da Nossa Senhora de Conceição de Viamão e, em 1806, elevada à categoria de Freguesia, ou seja, distrito de Porto Alegre. Somente em 1880 a antiga Aldeia consegue emancipar-se da capital e ganha a condição de Vila, passando-se a chamar de Vila da Nossa Senhora dos Anjos de Gravataí, em alusão a até então atual padroeira da cidade, Nossa Senhora dos Anjos, e a *Gravatahy*, que em tupi-guarani, significa rio dos gravatás (bromélia que havia às margens do rio em que a cidade se desenvolveu).

De acordo com Hallal e Plentz, com o Golpe de 1930 e o Getúlio Vargas no poder, foram instituídas as prefeituras nas cidades. Anos depois, em 1950, junto da campanha de industrialização do município, nasceu o Cerâmica Atlético Clube.

Na revisão de literatura foram identificados alguns trabalhos que ajudaram a entender o procedimento evolucionar do clube em questão. Estarão eles descritos a seguir, com destaque para alguns personagens e fatos que foram essenciais para a criação do mesmo.

De acordo com Hallal e Plentz, em decorrência da paixão pelo futebol e, também, da necessidade de um momento de lazer, os empregados da Indústria de Conservas Farrapo Ltda, uma das 72 fábricas que existiam em Gravataí na época, decidiram reunir-se para praticar. Da prática de lazer, veio a ideia dos ceramistas de criar um time de futebol.

De acordo com Hallal e Plentz, juntamente de outros moradores de diversas profissões da cidade que não tinham espaço nos outros clubes de Gravataí, o Esporte Clube Paladino e o Clube Esportivo Alvi-Rubro, fundaram o Cerâmica Atlético Clube. As cores do clube vinham para diferenciar dos outros dois clubes de maior escalão da cidade. O Alvi-Rubro era, como o nome dizia, vermelho e branco, e o Paladino levava as cores azul e branco. Assim sendo, Cerâmica nasceu com as cores verde, amarelo e preto. O tricolor gravataiense.

De acordo com Hallal e Plentz, inicialmente, não se tinha o próprio campo. O mais novo clube de Gravataí começou sua história jogando amistosos contra times de outras localidades do estado ou contra times da periferia sempre no campo do rival Paladino. Anos depois, só com a construção do seu campo e a inscrição na Federação Gaúcha de Futebol é que o Cerâmica Atlético Clube passa a disputar o campeonato municipal contra o Alvi-Rubro e Paladino.

De acordo com Hallal e Plentz, o sócio de Sinval, Antônio Vieira Ramos, então presidente em 1952, consegue ajuda com máquinas da prefeitura para aplinar os desníveis do campo, trabalho somado ao esforço manual dos próprios garotos que, após os treinos, arrumavam o campo com as próprias mãos, arrancando tocos de maricás espinhentos e unhas-de-gato. Chega o segundo presidente do clube, Napoleão Lagranha, que compra tábuas do rival Alvi-Rubro para fechar o campo e torná-lo digno de disputar o primeiro campeonato municipal.

“O compromisso com a sociedade e os menos afortunados sempre foi uma marca do Cerâmica e ainda é. Em 1952, o time já fazia campanhas e jogos beneficentes para os pobres. Exemplo disso, para o Natal do mesmo ano, foi

divulgado um jogo entre Cerâmica e Paladino para arrecadação de fundos para a compra de presentes para as crianças carentes da cidade.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 35)

Levando este espírito de igualdade para todos os anos ao longo de sua história, o Cerâmica chegou ao profissionalismo em 2007, junto de vários projetos sociais hoje espalhados ao longo da cidade. Um resumo dessa história de conquistas e alegrias estará nas páginas a seguir.

4- FUNDAÇÃO DO CLUBE

“O ano era 1950. Apesar do desenvolvimento dos anos de 1930, Gravataí era como qualquer cidade do interior: com poucas ruas asfaltadas. A maioria da sua população de pouco mais de 27 mil habitantes vivia no campo; apenas 3446 pessoas residiam no perímetro urbano; pelo menos metade da cidade não sabia nem ler nem escrever (CENSO-RS 1950).”(Hallal e Plentz, 2010, p. 29)

“A riqueza da cidade vinha do campo, com a mandioca, porém, na cidade, se desenvolviam algumas fábricas, um tanto caseiras. No ano em questão, eram apenas 72, e uma delas ficava na Rua Anápio Gomes, esquina com a Av. Dorival Cândido Luz de Oliveira: a Indústria de Conservas Farrapo Ltda, onde funcionavam três setores. Um deles era a tipografia, onde trabalhavam quatro funcionários que imprimiam jornais, anúncios, documentos da prefeitura e rótulos. Outro setor era o de condimentos, que tinha em torno de vinte funcionários, em sua maioria mulheres, que faziam rapaduras, molhos e outros produtos alimentícios. O último setor era o ceramista, que possuía cerca de quinze funcionários. Todos os setores trabalhavam manualmente com os instrumentos da época, pois máquinas elétricas e modernas ainda não eram uma realidade na cidade.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 29)

“O dono da fábrica se chamava Sinval Dias e coordenava a produção, enquanto Antônio Vieira Ramos, seu sócio, ficava responsável pela comercialização dos produtos. Uma vez por semana, um caminhão levava a produção a Porto Alegre, onde Antônio vendia aos comerciantes da Capital.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 30)

“Às sete da manhã, começava o expediente na fábrica de conservas Farrapo, onde os três setores produziam até o meio-dia, quando tiravam folga

para o almoço e depois voltavam a trabalhar até o turno acabar. No setor ceramista, o trabalho era árduo e repetitivo. Assim, necessitavam de um momento de lazer. Como o futebol era a melhor pedida e, nos clubes da cidade, Paladino e Alvi-Rubro, não havia mais espaço, os trabalhadores da fábrica de conservas e outros moradores de Gravataí de diversas profissões tiveram a ideia de crias um time e fundaram o Cerâmica Atlético Clube.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 30)

“O nome do time, no início, era apenas um apelido por causa da parte ceramista da fábrica, mas, com o tempo, o apelido foi ficando, e o nome Cerâmica se firmou como oficial e, por sua vez, “Os Barrentos” passou a ser seu apelido, por causa do manuseio do barro que a maioria dos jogadores tinha na cerâmica.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 30)

“Na escolha das cores do novo clube que se formava no interior da fábrica, seus integrantes queriam se diferenciar dos outros clubes já existentes: o Paladino, que era azul e branco, e o Alvi-Rubro, vermelho e branco. Sendo assim, foram escolhidos o amarelo, verde e preto.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 31)

“Unidos e motivados pela mesma causa, todos os jogadores do Cerâmica entravam em campo com muita força de vontade e espírito coletivo. Por esse motivo, a posição de capitão não era cativa, sendo o líder escolhido no vestiário na hora do jogo, de acordo com a percepção do técnico.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 31)

“Como o futebol do Cerâmica era amador, entre amigos, ou seja, não possuía recursos financeiros nem estrutura desenvolvida, era comum, ao final de cada partida, fazer uma vaquinha entre os jogadores para pagar uma lavadeira para pagar as camisetas sujas.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 31)

“Considerando que o Conselho Municipal de Desportos (CMD) ainda não existia para organizar os jogos, que eram em forma de torneios ou campeonatos oficiais, estes eram marcados aleatoriamente. Primeiramente, jogavam no campo do rival Paladino, alugado constantemente por cerca de um ano, até a inauguração do campo do Cerâmica, em 1952. Devido ao caráter amador do futebol, os clubes ainda não estavam alinhados com a Federação Gaúcha de Futebol, o que levava o Cerâmica ao interior de Gravataí, ou vice-versa, para jogar amistosos com diversos clubes da vizinhança e da região metropolitana.

Era comum que pessoas de dentro do clube que iam a Porto Alegre a negócios agendavam jogos com os times de outras localidades.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 31)

“Como os demais clubes da época, o Cerâmica era organizado em primeiro e segundo quadros. Funcionava da seguinte forma: era montada a seleção dos atletas mais distintos e experientes no primeiro quadro, e o restante era colocado no segundo quadro, lutando pela promoção. Esse esquema de quadros seria semelhante aos times A e B que temos hoje nos grandes clubes. O esquema tático era muito peculiar se comparado à atualidade. O ataque era valorizado no esquema 2-3-5. Como era comum jogar assim, placares elásticos eram freqüentes. Dessa forma, jogos maçantes eram raros e partidas sem gols mais ainda.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 31)

“No início do seu trajeto como clube esportivo, o Cerâmica Atlético Clube era conhecido como o primo pobre do futebol gravataiense. Surgindo como uma resposta alternativa aos clubes desportivos de Gravataí, o Cerâmica nasce em meio a uma tradição e rivalidade de décadas.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 31)

“Com o passar do tempo, o time vai adquirindo a maturidade e experiência necessárias para a sua afirmação como clube de futebol. A partir daí, começa a "assustar" seus adversários municipais e, à medida que se afirma, a rivalidade aumenta.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 32)

“O clube foi oficialmente fundado em 19 de abril de 1950, porém, essa é uma data fictícia, pois, como Sival Dias, o dono da fábrica, gostava muito de Getúlio Vargas, homenageou-o colocando a data de fundação do clube no dia do aniversário de Vargas, 19 de abril. Mas esse fato foi camuflado, pois alguns integrantes eram contra Vargas.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 32)

“Presidente brasileiro entre 1930 e 1945 e de 1950 a 1954, gaúcho de São Borja, Getúlio Vargas era uma figura enigmática da História de nosso país, pois governou de forma autoritária o Brasil entre a década de 1930 até 1945 e, depois, foi eleito pelo povo para voltar ao poder em 1950. Dentre suas medidas incentivou a industrialização e a indústria de base, que são a energia, a mineração e a petrolífera, criando a Petrobras. Durante o período de Getúlio Vargas, conheceu a luz elétrica em 1932; o transporte público a ônibus e o cinema em 1937 - inovações que tiveram influências diretas do governo de

Getúlio. Pai dos pobres, como era conhecido, era amado pelo povo e odiado por outros integrantes de nossa sociedade. Suicidou-se em 1954, devido a pressões da imprensa e do estrangeiro para tirá-lo do poder.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 32)

“Sem o *glamour* de altos salários, fama e holofotes, os garotos do Cerâmica jogavam por jogar. Era a pura paixão pelo futebol. Não possuíam campo próprio, ou casa, como vulgarmente chamamos hoje; logo, eram obrigados a jogar e treinar em campos alheios. O primeiro campo do Cerâmica foi um terreno baldio em péssimas condições localizado na Rua Antônio Afonso de Jesus, cedido por Acelino Medeiros. Acabava o expediente de trabalho, e já rumavam para o campo a fim de preparar o terreno, arrancando tocos de maricás espinhentos e unhas-de-gato, que brotavam incontáveis no que viria a ser o primeiro gramado dos garotos do Cerâmica.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 33)

O CERÂMICA A.C. que já se acha inscrito na FRGF acaba de instalar definitivamente sua praça de esportes que fica situada na aprazível Vila Santa Luzia, subúrbios desta cidade.

É grande o trabalho que vai pelos paredros do novel clube a fim de que o seu campo esteja em condições de disputas desportivas na próxima temporada. O novel clube acima, alias o beijamin do futebol local, também não está se descurando nesta temporada, tendo em vista que já este ano, pretende disputar o título de campeão local com seus co-irmãos.

Vem assim os seus dirigentes, trabalhando arduamente na construção de seu "estádio" onde pretendem na presente temporada apresentá-lo em condições de bem acomodar seus aficionados. É ainda propósito de seus dirigentes, apresentarem um bom quadro de futebol na temporada que se avizinha, para isso estão desde já preparando tecnicamente seus atletas.

O Gravataiense, 1952 - Observação: a grafia contida nas citações foi mantida dos exemplares originais consultados, a fim de registro histórico.

“Em 1952, Antônio Vieira Ramos, então presidente, ajuda a arrumar o campo com máquinas da prefeitura para aplainar os desníveis, e o segundo presidente, Napoleão Lagranha, compra tábuas do rival Alvi-Rubro para fechar o campo e torná-lo digno de disputar o primeiro campeonato municipal.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 34)

“Os primeiros jogos do Cerâmica não foram contra Paladino nem Alvi-Rubro, mas, sim, amistosos contra equipes de outras localidades do estado ou contra times de periferia, como América e Santos, de Gravataí; Cirei, Garibaldi

FC, Tamoio, de Viamão; Taquarense, de Taquara; e outros. Só após a finalização do campo e a inscrição do clube na FGF é que o time do bairro Santa Luzia disputa o campeonato municipal contra o Alvi-Rubro e o Paladino.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 34)

“O primeiro campeonato pelo título gravataiense foi contra o Paladino, em 1952, tendo o primeiro jogo um empate por 1 a 1.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 34) (...) “E o segundo jogo foi um trágico 4 a 1 para o Paladino. Um desastre com um time recém-formado, o Cerâmica não foi adversário à altura para o time mais tradicional da cidade. Um aspecto interessante da época é que o sistema de pontuação não acumulava pontos. Cada clube começava o mesmo torneio com 0 pontos e, a cada derrota, eram diminuídos dois pontos, e o time com menos pontos perdidos era o campeão.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 35)

“O compromisso com a sociedade e os menos afortunados sempre foi uma marca do Cerâmica. Em 1952, o time já fazia campanhas e jogos beneficentes para os pobres. Exemplo disso, para o Natal do mesmo ano, no dia 20 de dezembro, foi divulgado um jogo entre Cerâmica e Paladino, para arrecadação de fundos para a campanha de presentes para as crianças carentes da cidade. Os presentes seriam distribuídos no primeiro dia de janeiro, para alegria da criançada.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 35)

“O primeiro título do Cerâmica veio em 1955, na sua quarta partida no Campeonato Municipal. Pouco se sabe sobre ele, já que o jornal *O Gravataiense*, de 1955, foi perdido num incêndio. Agora, este acontecimento está escrito apenas na mente das pessoas que presenciaram o evento e ainda estão vivas, esperando para se perder da História.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 36)

“No começo da sua história, o Cerâmica realizava seus jogos no terreno que havia sido cedido por Acelino Francisco de Medeiros, porém, com a cidade em constante expansão, o dono do terreno queria loteá-lo para venda, o que deixaria o clube desesperadamente sem casa. A situação mudou quando, em uma reunião histórica no salão da atos da prefeitura de Gravataí, foram doadas terras para a construção do novo gramado do Cerâmica, no bairro Santa Luzia. A reunião aconteceu mediante pressão dos dirigentes do Cerâmica, que possuíam alguma influência junto à prefeitura e reivindicavam que o clube estava se organizando e necessitava urgentemente de uma "casa". O gramado

seria uma concessão de prazo indeterminado pela prefeitura, mas que se tornaria definitiva mediante a realização de alguma obra no terreno dentro do prazo de 20 anos.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 38)

“A construção do CAC foi primeiramente feita pela boa vontade e pelo esforço de seus integrantes e dirigentes. Um deles foi Justino Velasques, que possuía uma chácara com uma casa de madeira no bairro São Geraldo, em Gravataí. Muitas das tábuas dessa casa foram usadas para cercar o novo campo do Cerâmica, condição necessária para a realização dos jogos municipais.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 39)

“O CAC ganhara uma casa. Um grande gramado no bairro Santa Luzia viria a ser o seu campo. Esse terreno era um banhado úmido, onde os moradores da região colhiam agrião. Havia uma vertente de água nesse campo, mais precisamente entre a casa, que servia de depósito e copa, e a cerca. Para a transformação do terreno em um campo de futebol, a água da fonte foi desviada, e o campo, aterrado e nivelado com ajuda de máquinas da prefeitura. Contudo, ainda havia um problema: quando chovia, a fonte acumulava muita água, e essa água acabava invadindo o campo. Daí surgiu a ideia de construir um sistema de drenagem. Mas a mão de obra que o fazia acabou sendo uma surpresa para todos.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 39)

“Vizinha ao novo campo do CAC, encontrava-se a casa de detenção de Gravataí. Todo domingo, os presos iam até a grade ver o Cerâmica jogar. E, com essa situação, aconteceu que Doly Munhóz, participante ativo do clube, era advogado e possuía importantes contatos na cidade. Um deles era o Juiz municipal, que firmou um acordo com Doly, segundo o qual os detentos de crimes menores que concordassem em trabalhar no sistema de drenagem do campo ganhariam o final de semana para visitar os parentes. Sendo assim, nos dias de semana, mediante autorização do Juiz municipal, os detentos eram acompanhados pela Brigada Militar ao campo e trabalhavam para ganhar o final de semana livre e alguns trocados.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 39)

“O sistema de drenagem era simples e eficiente. Fora feita uma vala que cortava o campo horizontalmente e, através de outro contato de Doly, que possuía uma pedreira, essa vala fora enchida com pedras trazidas por caminhões e, em cima delas, eram colocadas folhas de mamoneira para que a

terra a ser colocada em cima não penetrasse nas pedras. Feito isso, a grama foi replantada e, a partir dali, podia chover o que fosse que, em algumas horas, o sistema de drenagem feito pelos presos enxugava tudo e tornava o campo apto ao jogo novamente.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 40)

“Em relação à década de 1950, o sistema tático do CAC sofreu leves mudanças na década de 1960. Mudanças essas que já revelavam a tendência defensiva que o futebol vinha tomando e que culminou no modo de jogar atual. Mas a grande mudança mesmo ocorreu com a chegada do técnico Lauro Matheus. Lauro veio o Paladino no início dos anos 1960 e foi o primeiro técnico do clube a trabalhar uma estratégia sólida, treinada e organizada para os jogos. Fora a visão de jogo, Lauro possuía a “malandragem” necessária para subjugar os adversários em disputas acirradas.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 4)

“Após a chegada do técnico, o desempenho do clube começa a melhorar de forma significativa. Juntamente a isso, o Cerâmica sofre um aperfeiçoamento no condicionamento físico. Os jogadores começam a se encontrar cerca de duas vezes por semana para treinos físicos. Pode não parecer muito para os padrões de hoje, mas há de se ressaltar que, no futebol amador da época, voltar de um dia árduo de trabalho para realizar um treinamento físico não era coisa fácil. Por conta do tempo, esse treino era realizado à noite e, por conta do dinheiro, ou melhor, da falta dele, tudo era feito à luz emprestada dos faróis dos carros e com uma roupa trazida de casa, uma vez que não havia recursos para se dar ao luxo de mandar fazer uniforme de treino. O primo pobre começou a vencer o Paladino e fazer finais com o Alvi-Rubro, acarretando em 3 vice-campeonatos para o clube do bairro Santa Luzia. Essa época é marcada por uma hegemonia vermelha e branca no futebol de Gravataí.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 40)

“O início da década significou o quase para o Cerâmica. Até que, em 1965, o clube faz história: vence os rivais em todas as partidas e ganha o Campeonato Municipal invicto! Um feito inédito na história do CAC, que não perdeu nem fora de casa. Mal sabiam que esse ano seria a última vez que os velhos rivais iriam se encontrar na disputa de um campeonato municipal, pois, um ano depois, o Paladino passa para o futebol profissional e o Alvi-Rubro, sem seu maior adversário, começa a desistir do futebol, sendo esse o segundo e último municipal ganho em cima dos mais tradicionais rivais. A partir dessas mudanças na equipe profissional e também na equipe Júnior do Cerâmica, as

vitórias começaram a ocorrer com mais frequência, e o time, mais organizado, ganhou mais espaço no cenário esportivo da região.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 41)

“A Liga Gravataiense de Futebol, inicialmente, compreendia os clubes Paladino e Alvi-Rubro, sendo que o CAC se filia anos mais tarde. Esses três seriam os fundadores da liga, até então a primeira da cidade, criada direto na Federação Gaúcha de Futebol. Com a saída do Paladino em 1966, e depois a saída do Alvi-Rubro, o Cerâmica se torna o único time de Gravataí filiado à Federação Gaúcha de Futebol (FGF) no âmbito amador. Assim, a liga municipal acaba e o CAC, como é filiado à Federação, passa a disputar somente o Campeonato Estadual.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 42)

“Outros times de Gravataí que não estavam filiados à Federação, os quais tentavam, sem sucesso, criar uma liga alternativa, a Liga Barnabé, acabam por construir uma nova liga independente da FGF, iniciando uma nova era no futebol gravataiense. Constituíam essa "nova" liga vários clubes da cidade, como Vila Branca, Palmeirinha, Três Estrelas, Gravataiense, Cruzeiroiro, Figueirense, entre outros, conhecidos como equipes da periferia da cidade ou times das ‘paradas’.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 43)

“Devido ao fracasso da Liga Barnabé e à carência de campeonatos municipais regulares na cidade, a prefeitura criou o CDM (Conselho Municipal de Desportos) no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, para organizar campeonatos, agregando o Cerâmica, que era filiado à Federação, e todos os times da Liga Barnabé. Com a nova liga na cidade, o campeão disputaria o estadual de Amadores.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 43)

O Cerâmica, então, que era conhecido como o primo pobre e time com menos tradição e títulos, passou a ser o time a ser batido. Com tanta gana de vencer o Cerâmica e uma certa raiva por ser o time do centro e com um ônibus próprio (cedido pela SOGIL) os jogos dos campeonatos municipais passaram a ficar mais violentos. Essa época marcou um novo rumo do futebol do Cerâmica: deixar um pouco de lado o Campeonato Municipal e se direcionar mais para o Campeonato Estadual de Futebol.

“Com o passar dos anos, o clube cresce e se organiza. Em 1975, foram criadas as primeiras categorias de base, divididas em infantis, infante juvenis e

juniores, sempre em ordem crescente de idade. Com essa maior organização, o segundo quadro não se fez mais necessário, sendo extinto e dando lugar ao potencial de promoção da categoria dos juniores. Nesse mesmo ano, Gilton Lessa, que morava em Cachoeirinha, foi convidado pelo presidente Zé Luís para treinar a equipe principal.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 44)

“A década de 1980, com certeza, foi feliz para o Cerâmica: o clube cresce em visibilidade estadual e é promovido pela Federação Gaúcha de Futebol à categoria de amador especial, demonstrando desde então a tendência a se encaminhar à profissionalização. Gilton Lessa estava de presidente do clube em 1985, quando convidou Clair Azeredo, diretor de futebol do Vila Branca, para trabalhar no CAC e trazer os seus melhores jogadores junto, campeões municipais daquele ano. Ele veio e formou-se a máquina de Gravataí, sagrando-se bicampeões do Municipal em 1987 e 1988.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 46)

“A história também é feita de nomes. Então é justo que se comentem aqui as importantes contribuições de Gilton Lessa, que fizeram a diferença na história do CAC.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 48)

“Gilton era um homem de extrema competência e determinação. Provou isso em 1988 na conquista do título municipal, quando vai atrás do autor do gol do título e o convence a jogar na última hora. Se não fosse por sua determinação, o gol não teria acontecido e esse título poderia não estar sendo relatado aqui.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 48)

“Como técnico, fez parte da convocação e construção dos mais fortes times que Gravataí tinha em sua época, preparando, treinando e orientando-os à vitória. Vale também lembrar as indicações que Gilton dava como parte dos dirigentes. Muitos membros de comissão técnica que fizeram toda diferença nos torneios disputados foram indicações dele.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 48)

“Importantes reformas na infraestrutura do clube partiram da iniciativa de Gilton, o que proporcionou melhores condições para os jogadores que estavam lá e aumentou o atrativo para os que estavam por vir.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 48)

“Então, essas e muitas outras contribuições que não foram citadas aqui fizeram parte da construção, ao longo de anos, deste time que temos hoje, tendo Gilton Lessa conquistado por merecimento o reconhecimento e espaço entre os grandes do Cerâmica.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 49)

5- FUTEBOL FEMININO

“No Brasil, a primeira partida de futebol feminino foi realizada em 1921, em São Paulo, entre os times de senhoritas catarinenses e tremembeenses. Mas o que hoje é tão normal no âmbito nacional levou muito tempo para ser conquistado. Em 1964, o CND (Conselho Nacional de Desportos) proibiu a prática oficial do futebol feminino no Brasil. Levou tempo para mudar essa situação. A decisão só foi revogada em 1981, com o aumento da abertura política.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 50)

“Contrariando a tendência machista do futebol, no final de 1981, é criado no Cerâmica um time feminino com a intenção de disputar os torneios regionais. Após cerca de três anos jogando juntas, as meninas do time de futebol feminino do Palmeirinhas, antigo time de futebol feminino de Gravataí, juntamente com seu técnico, recebem um convite de Doly Gomes Munhóz, o então presidente do Cerâmica Atlético Clube, para jogarem no seu clube.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 50)

“Com a perspectiva de ingressarem no Campeonato Estadual, que também levaria o nome do próprio Doly, o time aceita e se forma a divisão feminina do CAC. Os jogos seriam disputados no próprio campo do Cerâmica, e o clube providenciaria o fardamento, sendo a empresa de transportes SOGIL a encarregada de ceder os ônibus para as viagens quando necessárias, uma vez que Sérgio Pereira, um dos dirigentes do clube, também era o dono da empresa.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 50)

“A história do CAC é largamente marcada por dificuldades financeiras e estruturais, sendo que a divisão feminina não foge à regra. Nascendo no futebol amador e em torneios de pequena dimensão, as garotas encontravam grande dificuldade para obtenção de apoio e recursos, tendo que superar, além disso, o preconceito de exercer uma atividade predominantemente masculina.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 51)

"Mesmo assim, essas jovens, munidas de muita força de vontade e espírito de luta, venceram as dificuldades e criaram um time que fez história em Gravataí, superando adversárias e conquistando vários títulos municipais." (Hallal e Plentz, 2010, p. 51)

"Ao todo, foram 2 títulos em dois anos. Os municipais disputados foram ganhos pelo Cerâmica. Lucimar, ponteira-direita do time nessa época, aponta a maior dedicação e, conseqüentemente, o melhor preparo físico como diferenciais do CAC em relação às suas adversárias." (Hallal e Plentz, 2010, p. 51)

"Como não ganhavam dinheiro para jogar, a maioria das jovens necessitava trabalhar para se sustentar. Logo, o horário dos treinos precisava ser conciliado com o do trabalho para serem realizados." (Hallal e Plentz, 2010, p. 51)

"As jogadoras se reuniam para treinar nas manhãs e tardes de sábado, sendo que, nos dias de semana, iam a campo fazer treino físico por conta própria, para manter o preparo físico avantajado." (Hallal e Plentz, 2010, p. 51)

"Com os sucessos acumulados nos municipais, o time ganha empolgação para disputar o estadual, competindo com os grandes Internacional e Grêmio." (Hallal e Plentz, 2010, p. 51)

"O Campeonato Estadual era uma liga mais complexa e, para disputá-la, naturalmente, era preciso mais organização e recursos. Para isso, o 'organizador' do time e dirigente do CAC, Sérgio Pereira, usava seus contatos para conseguir apoio. Esse apoio se dava através da empresa de transportes SOGIL, que emprestava os ônibus para a locomoção das atletas no dia dos jogos, juntamente com o pagamento dos eventuais pedágios e qualquer outro encargo relativo ao transporte. Da mesma forma era feito com as outras categorias do clube. O fardamento das atletas era fornecido pelo Clube Cerâmica, sendo idêntico aos da categoria principal." (Hallal e Plentz, 2010, p. 51)

"Entre os torneios municipais, também ocorria a participação em torneios independentes em outras regiões, sendo que um deles foi disputado no bairro

Cristal, em Porto Alegre, do qual o Cerâmica foi convidado a participar, tendo um bom desempenho." (Hallal e Plentz, 2010, p. 52)

"O time jogou como uma das melhores equipes da competição, tirando um amargo segundo lugar, o que, segundo alguns, teria sido 'interferência da arbitragem'." (Hallal e Plentz, 2010, p. 52)

"Mas, como prêmio de consolação, o time levou para casa os prêmios de disciplina, melhor goleira, defesa menos vazada e de goleadora, só faltando a taça principal." (Hallal e Plentz, 2010, p. 52)

"Infelizmente, o time de futebol feminino do CAC teve um fim precoce e indigno de sua história. Doly Gomez Munhóz, além de presidente, era o entusiasta do time feminino do CAC. Assim, as garotas do time e toda comissão técnica contavam com todo o seu apoio e confiança. Porém, quando o presidente morreu em 1983, a divisão feminina, assim como o resto do clube passam a ficar sob a responsabilidade de Sérgio Pereira, que, apesar de não se empolgar muito com a ideia de uma divisão feminina dentro de seu clube, respeita a vontade do falecido Doly e mantém o time da mesma forma que antes." (Hallal e Plentz, 2010, p. 52)

"Porém, à medida que os problemas logísticos começaram a se agravar, principalmente por causa das dificuldades de locomoção do Estadual, a diretoria decide encerrar a divisão feminina, pouco depois da morte de Doly." (Hallal e Plentz, 2010, p. 52)

"E, dessa forma, o sonho acaba. As garotas ainda jogaram juntas em outros campos e outros jogos usando outras cores, mas sua história no CAC termina aqui, restando apenas lembranças, em sua maioria boas, dos bons momentos que passaram entre amigas defendendo as cores amarela, preta e verde do tricolor gravataiense." (Hallal e Plentz, 2010, p. 52)

Fundação do Clube (cont.)

"Depois das conquistas do final da década de 1980, o clube fica ambicioso e decide que é hora de crescer. De acordo com essa ideia, o CAC mira na ampliação da área de infraestrutura, criando projetos grandiosos, como a construção de piscinas térmicas e outras reformas. Para atingir esses objetivos,

foi criada uma estratégia de criação e vendas de títulos de associação com o clube. O dinheiro arrecadado, dessa forma, serviria para financiar as obras do projeto.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 53)

“Nem tudo saiu como planejado. Muitas pessoas que compraram os títulos deixaram de pagar as parcelas, o que prejudicou seriamente a arrecadação. Houve uma constante troca de presidentes junto a isso e alguns dirigentes não conseguiram dar sequência no projeto e nos objetivos propostos, entre os quais a criação de escolinhas de base que não foram bem-sucedidas e algumas que já existiam se desestruturaram.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 53)

“As dívidas foram se acumulando e a crise refletiu em campo. O resultado mais expressivo da década foi um 4º lugar em 1990, até finalmente chegar ao fundo do poço com a queda para a segunda divisão do Municipal, em 1998.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 53)

“Com a falha dos projetos, os sócios que compraram os títulos se indignaram e entraram com recursos para obter seu dinheiro de volta. O clube, por sua vez, sempre preocupado com sua imagem, se esforça para honrar seu compromisso e devolve o dinheiro investido nos títulos. A medida, apesar de louvável, exaure ainda mais o já debilitado caixa do clube e o faz entrar no novo século de forma triste.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 54)

“Indiferentes à crise de 1990, os veteranos do CAC ainda acumularam êxitos junto ao clube. Mesmo não sendo a categoria de mais visibilidade, os veteranos jogavam porque simplesmente gostavam de jogar. Atletas experientes e bons de bola, já haviam brilhado em seu tempo e iam a campo honrar sua camisa, praticar o bom futebol e interagir com seus amigos. Eram um exemplo de boa vontade e dedicação. Segundo Gilton, “era só dizer domingo tem jogo, e tava todo mundo lá. Dessa forma, ganharam muitos campeonatos defendendo as cores do Cerâmica. E, é claro, como não poderia faltar em uma reunião de quarentões em um domingo, o bom e velho churrasco gaúcho.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 54)

“Por isso, pode se afirmar que, se existiu uma categoria que ganhou títulos pelo Cerâmica nos anos 1990, essa categoria foi a de veteranos. Seguindo o embalo do final dos anos 1980, continuou ganhando títulos até 1993. Em 1994, conquistou o vice-campeonato; em 1995, ficou apenas em 4º lugar. A partir daí, também não teve êxito nos anos seguintes.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 54)

6- PROFSSIONALIZAÇÃO

“Procurando sair da crise, Gilton Lessa assume a presidência do clube no ano de 2000 e estabelece novas diretrizes para recuperar a estabilidade financeira, juntamente com seu prestígio. Por volta dessa época foi iniciada uma espécie de “campanha” para a profissionalização do Cerâmica.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 57)

“Para tanto, foi elaborada uma estratégia para o saneamento das dívidas. Também se fez um novo trabalho na área do futebol, começando pelas escolinhas de base, que eram administradas por Adriano Martins. Além disso, o clube começou a receber uma verba de um Bingo da cidade, através de uma parceria. Da verba adquirida, cerca de 90% eram direcionadas às reformas no clube e 10% para o futebol. Reestabelecido o equilíbrio, o Cerâmica volta a participar do Estadual com as categorias de base, considerando a soma da pontuação de todas as suas categorias como critério. Foi o único time até então amador a participar do campeonato estadual de categorias de base junto com o Grêmio, Inter e Juventude, e outros grandes.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 57)

“Nesse momento, solidifica-se a ideia da profissionalização do Cerâmica. Um dos fatos decisivos nesse processo foi a vinda do empresário Décio Becker em 2003 para o clube através do convite de Antoninho Juarez Costa e Silva, o então presidente do CAC. A chegada de Décio trouxe também a proveitosa parceria com o SENAC, que passou a auxiliar na administração do clube e no processo de profissionalização.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 57)

“Com a falha de quase todos os projetos do CAC nos anos 1990, surge a necessidade de uma nova forma de conceber a gestão do clube. Sendo assim, na década de 2000, depois de todo um trabalho para sanar as dívidas, começa uma nova era na história do Cerâmica, cuja principal meta era a profissionalização.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 64)

“Em 2003, o empresário Décio Becker se envolve com o clube no auxílio do estabelecimento do planejamento estratégico. Com uma visão que busca

“fazer com que o Cerâmica seja um clube de futebol com reconhecimento no estado, até 2010”, e com a missão de “Atuar no esporte de forma competitiva e vitoriosa, com o foco no futebol, e promover a cidadania de jovens e adultos” (CAC, 2003), o CAC estabelece um plano de ação organizado com a parceria do SENAC-RS (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), em busca de ações estratégicas com base nos valores do clube perante os clientes e a sociedade. Estes procuram vitórias no futebol, excelência na gestão e uma ação social reconhecida, assim como solidez patrimonial e financeira, pois um clube depende de capital financeiro, organizacional, além do tão precioso capital humano. Com a utilização das ferramentas tecnológicas para facilitar e integrar os processos e a administração competente, as ações visam ao seguinte: modernizar o patrimônio físico; atuar no futebol com planejamento em todas as categorias; desenvolver ações estratégicas de marketing; ampliar, valorizar e fidelizar o quadro de sócios; oferecer projetos sociais focados no futebol; empreender gestão profissional; desenvolver direção executiva com atuação estratégica.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 64)

“Como profissional, o Cerâmica procurou se enquadrar com as determinações da Lei Pelé e de toda a legislação relativa a um clube profissional. Para isso, foram obtidos todos os alvarás necessários para o funcionamento do estádio, como os que dizem respeito à segurança, engenharia, higiene, prevenção a incêndios, ambulância, CNPJ e, claro, o respeito a todas as regras do estatuto da CBF.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 65)

“Na era profissional, o clube também conta com a ajuda do PGQP (Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade), o qual é uma organização autossustentável não-governamental, que visa ao desenvolvimento sustentável de empresas e instituições. Como busca se adequar aos novos padrões administrativos, é natural que o CAC se alinhe a uma instituição dessa natureza para que, dessa forma, otimize a sua gestão. Assim, compete com outros clubes quase do mesmo modo que empresas competem entre si, sendo a ordem e o foco nas metas cruciais para seu desenvolvimento e sustentabilidade.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 65)

“Assim, o Cerâmica é a prova concreta de que a iniciativa privada, quando bem focada e estruturada, gera ótimos resultados e tem grande poder de influência positiva sobre a sociedade.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 65)

“A profissionalização do clube era uma das metas traçadas nas reformas dos anos 2000, porém a formação de um elenco profissional era estimado apenas para 2010. Mas a entrada do gerente de futebol Paulo César Magalhães em 2005, convidado por Felipe Harzheim, com quem já trabalhava nas escolinhas de futebol do Grêmio em Canoas, muda as perspectivas quando convence a diretoria de que era possível a criação de um elenco profissional já em 2007. Esse elenco foi criado a partir das categorias de base do próprio clube com o somatório de cinco jogadores profissionais experientes, convidados pelo próprio gerente, que ainda trouxe ao Cerâmica outros profissionais que vieram a integrar a comissão técnica.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 66)

“Com a saída do antigo técnico do clube, Paulo César, como técnico interino, comanda a equipe de juniores, posteriormente promove à categoria profissional, que iria disputar o Gauchão já com outro comandante. Essa profissionalização se daria através dos recursos levantados junto aos colaboradores do clube, como a empresa SOGIL, que colabora através de ônibus, motorista, pedágios e outros encargos relativos ao transporte do clube; a Jackwal; a Massas Romena; e a principal delas, a Carlos Becker Metalúrgica, do futuro presidente do CAC, cujos investimentos no Cerâmica foram cruciais para o seu desenvolvimento.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 66)

“O time se profissionaliza em fevereiro de 2007. Já na gestão do presidente Décio Becker, inscreve-se no Campeonato Gaúcho série B e participa da Copa RS 2007, que tem por costume homenagear importantes figuras do cenário esportivo gaúcho. Devido às obras de construção do estádio, manda seus jogos em Alvorada-RS, no estádio do RS. Nessa edição, o homenageado foi Paulo Rogério Amoretty, ex-dirigente do Internacional, morto no trágico acidente da TAM em Congonhas, SP.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 67)

“Em sua primeira competição profissional, o CAC não obteve um bom resultado: ficou em sétimo lugar em um grupo de oito equipes. Entre elas, o Internacional e o Juventude. Sendo assim, não passou de fase, ficando à frente apenas da equipe de São Gabriel, devido à sua inexperiência no cenário profissional, mesmo motivo que o levou a não ter um bom desempenho no Campeonato Gaúcho série B, de 2008.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 67)

“Por outro lado, o Clube joga a Copa RS Lupi Martins no segundo semestre do mesmo ano e começa a se firmar como clube copeiro ao se classificar na primeira fase de pontos corridos. Elimina os favoritos da competição na fase de “mata-mata” do campeonato, garantindo-lhe um segundo

lugar e o ingresso na Copa do Brasil de 2010.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 67)

ESTÁDIO ANTÔNIO VIEIRA RAMOS

“Com a profissionalização exitosa, pois a FGF e CBF diplomaram o clube em fevereiro de 2007, em março do mesmo ano iniciam-se as obras de construção do complexo esportivo do CAC. São arquibancadas de concreto pré-moldado, com capacidade para 6.000 torcedores, contratadas junto à empresa BPM de Criciúma-SC, que apresentou o melhor projeto e preço, vencendo também a concorrência para construção do salão de festas do clube.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 67)

“Com as arquibancadas sendo construídas, havia a necessidade de um outro local que abrigasse minimamente os departamentos de futebol amador do clube, agora já acrescidos dos profissionais. Surge a oportunidade de aquisição de um sobrado, em frente ao clube, o qual Décio convence sua filha, Graziela, a adquirir e emprestar ao CAC para servir de alojamento, cozinha e refeitório para os atletas, e ainda as salas de departamentos de futebol amador e profissional, bem como as de fisioterapia e assistência social, que já estavam sendo implantadas no Cerâmica.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 68)

“Com excesso de chuvas naquele ano, as obras se arrastam lentamente, mas vão crescendo com altivez e mostrando a quem passasse na rua a imponência da estrutura que estava sendo montada, ali onde recentemente era apenas um campo de futebol. Apesar da insistência do mau tempo, as obras não paravam, e o sonho ia se tornando realidade a cada dia que passava.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 69)

“Com as obras concluídas em fins de 2009, o complexo esportivo, além dos amplos vestiários para os clubes de casa e visitantes, arbitragem, sala de triagem da Brigada Militar, copas para os dias de jogos, depósitos e salas de gerência de futebol profissional e presidência, abriga também a academia de ginástica, os departamentos de fisioterapia e fisiologia, e ainda, na parte superior, a cozinha e o refeitório, o alojamento e a concentração para os atletas e comissões técnicas.” (Hallal e Plentz, 2010, p. 69)

7- MISSÃO SOCIAL

"O Cerâmica apresenta uma preocupação com a sociedade, principalmente as crianças, desde a sua época amadora, quando começam a desenvolver projetos sociais para atender à população carente da cidade. Como exemplo, nos anos 1990 inicia-se um trabalho com voluntários com a gurizada do CAC, abordando temas como higiene, prevenção às drogas, auxílio psicológico e outras necessidades." (Hallal e Plentz, 2010, p. 69)

Com a entrada do empresário Décio Becker e a profissionalização do clube, o trabalho social se expande de modo a abranger uma maior parcela da população da cidade, que cresceu vertiginosamente nos últimos anos. Antes, o trabalho social era restrito às crianças que participavam das escolinhas do Cerâmica. Agora, se espalha para outros bairros da cidade e até mesmo já tiveram núcleos esportivos fora dos limites municipais.

Hoje em dia, nesses núcleos, se encontram inscritos de 250 a 300 alunos, entre eles meninos e meninas de seis a quinze anos, distribuídos na categoria Fraldinha, Pré-mirim, Infantil e Infante-juvenil. Já chegaram a receber mais de seiscentos em 2010. Estes centros estão espalhados por Gravataí, sendo eles o Xará, Morungava, Rincão, Morada do Vale e Natal. Uma vez lá, esses alunos recebem uniformes, lanches, assistência de profissionais qualificados e todo material necessário para a prática do esporte. Sendo assim:

"O objetivo do programa é promover, através do esporte e da cultura, a qualidade de vida de crianças e adolescentes de Gravataí, preparando-os para o pleno exercício da cidadania. Há também a possibilidade de algum aluno do projeto compor as equipes das categorias de base do time, caso seja identificado um talento." (CAC, 2009)

"Na maioria das vezes, esses núcleos nasciam de escolinhas de futebol já existentes que se filiavam ao clube. Uma vez filiadas, as escolinhas recebem apoio do clube, através de materiais e recursos humanos, passando a ser administradas por um coordenador central." (Hallal e Plentz, 2010, p. 71)

"Todo ano, é realizado um torneio entre as escolinhas com participação de várias categorias. Esses campeonatos, além de motivacionais, servem para expor possíveis talentos entre a garotada dos núcleos, encaminhando-os para as categorias de base do próprio Cerâmica." (Hallal e Plentz, 2010, p. 71)

"Além do futebol, frequentemente os núcleos são convidados a participarem das inúmeras atividades que o clube promove na cidade, contribuindo para a formação cultural dos participantes e na integração social. Quem visitar o núcleo do Portinho na residência do Sr. Elmo na Rua Montenegro, 140, encontrará uma casa cheia de coisas referentes à história do núcleo: troféus, medalhas, quadros, fotos, entre outras marcas da trajetória da escolinha. (Hallal e Plentz, 2010, p. 71)

PROJETOS SOCIAIS

"O CAC desenvolve e estimula vários projetos sociais na cidade, entre eles estão:

- *Projeto Aprendendo a Aprender*: Estimular a curiosidade, o respeito e as diferenças entre as pessoas para uma melhor convivência em sociedade, além de preparar os adolescentes para o mercado de trabalho.
- *Projeto Aprender Inglês é Divertido*: Através de uma parceria com o SENAC, são fornecidas aulas de inglês para atletas e alunos do Cerâmica.
- *Oficina de Redação Criativa*: Oficina de redação que promove a criatividade do aluno, um estilo pessoal de escrita, aprendendo a trabalhar com diversas formas de expressão em sua redação.
- *PINDEPH – Programa de Incentivo ao Desenvolvimento Profissional e Humano*: Incentivar adolescentes do ensino médio a buscarem um desenvolvimento profissional e humano em suas vidas, através de atividades promovidas pelo programa.
- *Projeto Xadrez no Cerâmica*: Desenvolver a prática do xadrezem parceria com

o Clube do Xadrez RS.

- *Palestra: Dicas de Etiqueta Social e Profissional*: Promove o conhecimento de maneiras de se comportar em diversos ambientes.

- *Projeto Transitando pela Vida*: Fornece o conhecimento básico das regras de trânsito, para um melhor convívio em sociedade.

- *Programa Crack tô Fora*: Oportunizar aos alunos informações sobre os malefícios à saúde provocado pelas drogas.

- *Programa Futuro Campeão*: Essa parceria com o Centro Social Marista fornece aos alunos aulas, palestras com profissionais de Educação Física, acompanhamento médico e nutricional, com o objetivo de formar atletas competitivos para as categorias de base, sem deixar de lado a importância da família para a formação do atleta.

- *Telecentro Ceramista*: Outra parceria com os maristas a fim de promover a inclusão digital, através de computadores reciclados pelo Centro de Recondicionamento de Computadores (CRC-Cesmar)." (Hallal e Plentz, 2010, p. 72)

"Além dos projetos fixados na cidade, a agremiação realiza vários eventos comunitários como as comemorações das datas importantes ao Cerâmica, jogos e torneios entre os núcleos, passeios culturais, desfiles e a grande festa de Natal que o clube promove todos os finais de ano e que conta com a presença de milhares de pessoas. Nessa festa, são distribuídos milhares de brinquedos para as crianças presentes e a garotada ainda se maravilha com a chegada do Papai Noel de helicóptero no centro do campo." (Hallal e Plentz, 2010, p. 74)

"O papel social do clube é promover a cidadania, a educação e uma melhor inserção da criança e do adolescente na sociedade, mas no fundo do coração de cada criança beneficiada pelos núcleos, existe a vontade de se tornar um jogador profissional de futebol, caminho que não é fácil de percorrer e que poucos conseguem." (Hallal e Plentz, 2010, p. 74)

"Por várias vezes, os integrantes dos núcleos e das categorias de base são crianças, adolescentes ou jovens carentes, cujas famílias passam necessidades. Esses jovens correm não só atrás de um sonho, mas de melhores condições para os que eles amam." (Hallal e Plentz, 2010, p. 74)

"Essas jovens pessoas, muitas vezes, sofrem a privação de estarem longe de seus lares ou até mesmo de seu estado, tendo que lidar com a solidão de percorrer um caminho que poucos conseguem chegar ao final." (Hallal e

Plentz, 2010, p. 74)

"E, de fato, pouquíssimos conseguem. Mesmo superando a maioria das dificuldades, uma ínfima porcentagem dos que ingressam nas escolinhas e até mesmo nas categorias de base se profissionaliza. Até quando estão no caminho certo, as dificuldades aparecem. Depois de batalhar anos para chegar a um patamar considerável, esses aspirantes a profissionais lutam constantemente para manter o foco e a cabeça no lugar, para que o sucesso, mesmo parcial, não lhes suba a cabeça e os impeça de manter o bom trabalho." (Hallal e Plentz, 2010, p. 74)

"A busca pela rápida ascensão social e pela melhoria da qualidade de vida faz com que mais de seiscentas crianças disputem em campo cada bola, em cada dividida, em busca de, pelo menos, uma das 22 vagas do time profissional, que, para eles, significa um mundo melhor." (Hallal e Plentz, 2010, p. 74)

"Mas pelo menos no futebol há alguma possibilidade de ascensão social para o menino pobre, em geral negro ou mulato, que só tem a bola como brinquedo: a bola é a única varinha mágica em que pode acreditar. Talvez ela lhe dê de comer, talvez ela o transforme num herói, talvez em um deus. A miséria o torna apto para o futebol ou para o delito. Desde que nasce, esse menino é obrigado a transformar em arma sua desvantagem física, e rapidamente aprende a driblar as normas da ordem que lhe nega um lugar. Aprende a descobrir como despistar cada pista e torna-se sábio na arte de dissimular, surpreender, abrir caminho onde menos se espera e tirar o inimigo de cima com um requebrado de cintura ou qualquer outra melodia da música malandra." GALEANO, Eduardo. Futebol ao Sol e à sombra. L&PM POCKET 2009 – P. 52-53

8- CAMPANHA DA FASE PROFISSIONAL

2007

"O Cerâmica, após a profissionalização, começou disputando dois campeonatos por ano. Na primeira metade do ano, joga o Campeonato Gaúcho Série B e, na segunda metade do ano, disputa a Copa Federação Gaúcha de Futebol (FGF)." (Hallal e Plentz, 2010, p. 75)

"A primeira competição do Cerâmica foi a Copa FGF de 2007, que funcionava da seguinte maneira: disputada por 16 equipes de todo o Rio Grande do Sul, a Copa é dividida em duas fases. A primeira formada por dois grupos e oito equipes, sendo que todos os times de cada grupo se enfrentam em turno e retorno, classificando os quatro melhores de cada chave.(Hallal e Plentz, 2010, p. 75)

"Em sua primeira competição profissional, o clube não foi bem, e serviu como experiência para a jovem equipe do CAC, pois a maioria dos jogadores vinha das categorias de base. Com nenhum empate, 9 derrotas e 5 vitórias, o time de Gravataí fica em sétimo lugar e não se classifica." (Hallal e Plentz, 2010, p. 75)

2008

"O Campeonato Gaúcho da Segunda Divisão de 2008 funcionou da seguinte forma: a primeira fase foi constituída por quatro chaves. Duas delas com seis equipes e outras duas com sete equipes, sendo que se classificam os quatro primeiros times após realizados jogos todos contra todos em turno e retorno." (Hallal e Plentz, 2010, p. 75)

"A segunda fase é disputada por 16 equipes, separadas em duas chaves, em que são realizados octogonais de turno e retorno. Os quatro primeiros times se classificam para a fase final." (Hallal e Plentz, 2010, p. 76)

"Já a fase final é disputada por oito equipes em mais um octogonal de turno e retorno, em que o campeão e o vice-campeão têm o direito de disputar o Campeonato Gaúcho da Primeira Divisão." (Hallal e Plentz, 2010, p. 76)

"O Cerâmica, em 2008, ficou na chave 1, composta por CE Aimoré, SERC Brasil, EC Cruzzeiro, Estrela FC e Porto Alegre FC. A estreia do CAC foi contra o Cruzeiro, de Porto Alegre, no dia 02 de março. Jogando em casa, perdeu de 2 x 1. O segundo jogo foi em Farroupilha contra o Brasil, onde, infelizmente, acumulou mais uma derrota pelo placar de 3 x 2. No primeiro turno, o time de Gravataí perdeu todos os jogos pelos seguintes resultados: Cerâmica 1 x 2 Aimoré, Estrela 2 x 1 Cerâmica e Cerâmica 0 x 1 Porto Alegre. Sendo assim, o CAC não acumulou nenhum ponto, tornando a ambição de passar para a segunda fase uma missão quase impossível." (Hallal e Plentz, 2010, p. 76)

"No retorno, a jovem equipe da cidade de Gravataí esboçou uma reação, vencendo as equipes de Aimoré, Estrela e Cruzeiro pelos respectivos placares de 2 x 1, 4 x 0 e 3 x 1, mas as derrotas para o Porto Alegre e para o Brasil sepultaram as chances de o Cerâmica continuar na competição." (Hallal e Plentz, 2010, p. 76)

Copa FGF 2008 – Lupi Martins

"A Copa Lupi Martins é disputada por 18 times, divididos em duas chaves, cada chave de nove equipes. As oito melhores equipes de cada chave se enfrentam nas oitavas de final de um "mata-mata", sendo que a pior equipe de uma chave enfrenta a melhor equipe da outra chave." (Hallal e Plentz, 2010, p. 76)

"No grupo do Cerâmica, enfrentaram-se as seguintes equipes: Bagé, Cerâmica, Cruzeiro – POA, Internacional-B, Pelotas, Porto Alegre, Rio-grandense-SM, São Paulo-RG, Sapucaense." (Hallal e Plentz, 2010, p. 76)

"O CAC acaba a primeira fase em oitavo, ou seja, o último a se classificar, e pega o melhor time do outro grupo, que foi o Grêmio-B. O primeiro jogo foi em Gravataí e, depois de uma partida feia e truncada, acaba num empate. No segundo jogo, o Cerâmica também consegue um empate fora de casa, levando a partida para os pênaltis, na qual o goleiro Donizetti pega 3 das 5 penalidades. E leva a equipe de Gravataí para as quartas de final. Foi o primeiro buzinaço em Gravataí para comemorar uma vitória do Cerâmica. Pouca gente acreditava que o CAC iria passar pelo Grêmio, e a vitória levou os gravataienses ao êxito."

(Hallal e Plentz, 2010, p. 76)

"Porém, na segunda fase, viria outro jogo difícilimo, contra o Inter-B. Depois da vitória contra o Grêmio, o time ganhou moral, e os cidadãos de Gravataí começaram a pensar que a vitória contra o Colorado seria possível."

(Hallal e Plentz, 2010, p. 77)

"Jogando em casa no primeiro jogo, o CAC esperava uma partida tão difícil quanto a com o Grêmio, mas o inesperado aconteceu: o Cerâmica venceu a partida por 3 x 0, uma façanha quase inacreditável para um time com apenas pouco mais de um ano de profissional, e colocando um pé nas semifinais. A partida em Porto Alegre foi emocionante e com muitos gols. Num jogo em que as duas equipes buscaram o gol o tempo todo, o Cerâmica empatou a partida em 3 x 3, levando Gravataí à loucura." (Hallal e Plentz, 2010, p. 77)

"O próximo confronto seria contra o Novo Hamburgo pelas semifinais da Copinha. Após uma vitória em casa por 2 x 1, o time vai ao Vale dos Sinos para uma partida marcada cruelmente para iniciar ao meio-dia. O calor era intenso. A torcida ceramista comparece em peso a NH e assiste a seu time empatar em 1 x 1, com um gol de Lico. A alegria contagiava os ceramistas pois, com apenas um ano de profissional, o time já chegava a uma final de competição e disputaria jogada a jogada contra a forte equipe do Pelotas." (Hallal e Plentz, 2010, p. 77)

"Nas ruas, bares e escolas da cidade, só o que falava era da final da Copa Lupi Martins. Como o Cerâmica havia se classificado em último colocado, o primeiro jogo acontecia sempre em Gravataí. A primeira partida da final foi o maior evento futebolístico que a cidade já sediou. A Brigada Militar e o Corpo de Bombeiros fizeram uma operação especial para receber os ônibus que vinham cheios de torcedores do Pelotas. Como era de se esperar, a casa estava cheia. O dia estava ensolarado para a final. A partida acabou no 0 x 0, e a equipe de Gravataí não conseguiu fazer um resultado positivo perante sua torcida. Sendo assim, no jogo em Pelotas, contra uma das mais tradicionais equipes rio-grandenses, qualquer erro poderia ser fatal." (Hallal e Plentz, 2010, p. 78)

"No estádio Boca do Lobo, em Pelotas, a torcida pelotense preparou um caldeirão para a final, um estádio cheio de fanáticos para empurrar o time da cidade na final, onde o Cerâmica esperava acabar com a festa. O primeiro tempo foi equilibrado e acabou no 0 x 0. Porém, no segundo tempo, o CAC não aguentou a pressão e acabou cedendo um gol, que desestabilizou o time, permitindo à equipe do Pelotas marcar o segundo gol e acabar com as chances do título. O abatimento era nítido entre os jogadores do Cerâmica, pois chegar à

final e não vencer era frustrante. Apenas o capitão Bolacha ficou em campo para receber a taça de vice-campeão. Logo após, ocorre uma invasão de campo e os torcedores do Pelotas partem em direção a Bolacha e à assessora de imprensa, Katterina Zandonai. Então, o capitão ceramista fala para Katterina não se preocupar, pois ele racharia a taça na cabeça dos torcedores, caso eles os agredissem. No entanto, os pelotenses correram para cumprimentar Bolacha pela sua raça e bravura dentro de campo naquele jogo." (Hallal e Plentz, 2010, p. 78)

"Apesar do segundo lugar, o Cerâmica saiu da competição com a ideia de que subir para a Primeira Divisão do Gauchão no próximo ano não era tarefa impossível, e iriam lutar para que se tornasse realidade. Também saía com uma possível vaga para a Copa do Brasil de 2010, caso Grêmio ou Inter não disputassem a competição, alcançando uma das metas do clube, que era ser reconhecido regionalmente, em nível estadual, obtendo uma visibilidade em nível nacional, embora pequena." (Hallal e Plentz, 2010, p. 79)

2009 - Campeonato Gaúcho da Segunda Divisão

"O ano de 2009 se inicia para o Cerâmica com a Segunda Divisão do Gauchão, e a equipe de Gravataí não queria acabar o campeonato sem se classificar de fase como no ano anterior. Mas o campeonato muda de formato, e a primeira fase é composta por três chaves: uma com sete equipes e duas com oito, em que jogam todos contra todos, em jogos de ida e volta. Os seis primeiros se classificam para a segunda fase, que também tem três chaves, com seis equipes em cada chave, as quais disputarão jogos de ida e volta como na primeira fase, porém a segunda etapa do campeonato irá selecionar somente os dois primeiros colocados de cada chave, e duas equipes que conquistarem os melhores terceiros lugares serão classificadas para a semifinal." (Hallal e Plentz, 2010, p. 79)

"A semifinal teve duas chaves: a primeira com os primeiros colocados das chaves 4 e 5, os segundos colocados da chave 6 e o segundo melhor terceiro lugar. Na segunda chave, disputam o primeiro colocado da chave 6, os dois segundos colocados das chaves 4 e 5 e o melhor terceiro colocado. Somente se classificarão as duas melhores equipes de cada chave para disputarem o quadrangular final, o qual seleciona as duas mais bem pontuadas para participarem da elite do futebol do Estado." (Hallal e Plentz, 2010, p. 79)

"Na primeira fase, o CAC ficou na chave 2 junto com as equipes CE Aimoré, SERC Brasil, EC Cruzeiro, Porto Alegre, FC Rio Pardo, São Gabriel FC. Com 5 vitórias, 5 derrotas e 2 empates, o Cerâmica conseguiu passar para a próxima fase, enfrentando Pelotas, Porto Alegre, Santo Ângelo, Guarany e Lajeadense. Com 4 vitórias, 4 empates e 2 derrotas Cerâmica está garantido na terceira fase." (Hallal e Plentz, 2010, p. 81)

Fim da segunda fase, e o CAC se classifica junto com mais sete equipes para disputar a terceira fase. Em seu grupo, ficaram as equipes do Porto Alegre, Glória e Três Passos. Mais 3 vitórias, 1 empate e 2 derrotas consolidaram a equipe do CAC no quadrangular final, disputado por Pelotas, Porto Alegre e Riograndense.

Os placares do quadrangular final: Cerâmica 2 x 0 Riograndense, Porto Alegre 4 x 4 Cerâmica, Pelotas 3 x 0 Cerâmica, Cerâmica 1 x 1 Pelotas, Cerâmica 0 x 2 Porto Alegre e Riograndense 0 x 3 Cerâmica. Sendo assim, o Cerâmica acaba o campeonato sem conseguir se classificar para a Primeira Divisão, apesar de ter vencido o último jogo.

2010 - Copa do Brasil

"A Copa do Brasil foi a maior competição que o Cerâmica já disputou em sua história, a primeira de nível nacional, e, como toda Copa do Brasil tem um time pequeno que acaba cometendo o crime, o Cerâmica queria ser o criminoso daquele ano, tentando eliminar o Paraná, em Curitiba." (Hallal e Plentz, 2010, p. 91)

"O primeiro passo era tentar sair com o melhor resultado, sempre lembrando que, nas primeiras fases da competição, o time que levar dois gols em casa já está automaticamente eliminado. Jogando em Porto Alegre, o Cerâmica saiu vencendo, mas, no final da partida, com uma distração da equipe, o Paraná empatou.

"Era a primeira vez que o Cerâmica iria pegar um avião e disputar um jogo fora do estado do Rio Grande do Sul. Alguns empregados do clube nunca tinham andado de avião na vida, assim como alguns jovens atletas. Teve gente que não desgrudou da Bíblia durante o voo. A expectativa era fazer um bom jogo, pois, depois do 1 x 1, a classificação era possível." (Hallal e Plentz, 2010, p. 91)

"Em Curitiba, o jogo estava correndo como esperado, segurando a

equipe adversária e realizando boas investidas na defesa paranaense. Em um desses ataques, o CAC abriu o placar com um gol de Santiago. No vestiário, a lembrança do jogo cintra o Porto Alegre, cujo placar foi 4 x 4, estava na mente dos jogadores, pois o jogo em Curitiba também era difícil, e o time saiu ganhando, mas o Cerâmica não estava disposto a cometer o mesmo erro do ano anterior. Já do lado paranaense, os jogadores levaram uma dura da comissão técnica, que parece ter surtido efeito, pois para eles era inadmissível perder para um time que ninguém fora do Rio Grande do Sul conhecia até então." (Hallal e Plentz, 2010, p. 91)

"A segunda etapa começa e, depois de alguns cartões amarelos, o jogador Felipe Cardoso foi expulso e o time se desestruturou. O Paraná, equipe com mais experiência, soube aproveitar a situação e virou o placar em seu favor, e mais que isso: aplicou uma goleada de 6 x 1. O estádio no final do jogo era o contraponto do final do primeiro tempo. Saíram do silêncio total para os gritos da vitória." (Hallal e Plentz, 2010, p. 92)

Também em 2010 participou da Recopa Sul Brasileira, representando o Rio Grande do Sul devido à recusa do Sport Club Internacional de participar como o campeão da Copa FGF. O Cerâmica sagrou-se campeão depois de derrotar o Brusque de Santa Catarina na final por 1 a 0. Esse é o principal título do clube desde sua fundação.

No ano seguinte, a equipe comandada pelo técnico e ex-jogador do clube, Lico Freitas, conseguiu um feito inédito, a classificação do Cerâmica para a primeira divisão do Campeonato Gaúcho de Futebol de 2012. Era dividida em Taça Piratini e Taça Farroupilha. Na Piratini o Cerâmica não foi bem e não passou para as quartas de final. Na Taça Farroupilha ficou em 4º no grupo B e passou para as quartas. Pegou o Internacional e foi eliminado.

Em 2013 passou da primeira fase do Gauchão e saiu nas quartas de final para o São Luiz, no primeiro turno. Segundo turno não chegou as quartas de final. Foi rebaixado para a Segunda Divisão do Campeonato Gaúcho (Divisão de Acesso). Em 2014 terminou em 8º a Divisão de Acesso. Disputou também o Campeonato Brasileiro de Futebol – Série D em 2011, onde ficou em último no seu grupo, que tinha mais 4 times. De 8 jogos fez 5 pontos e não se classificou para a segunda fase. E em 2012 também não passou da primeira fase.

Na data de 09/12/2014 o Cerâmica Atlético Clube anuncia oficialmente que não terá mais futebol profissional a partir de então. Fica o futebol amador, escolinhas, categorias de base, etc.. E, mesmo assim, não há garantias de que todas as equipes dos jovens participem das competições estaduais. De acordo com o presidente interino do clube na época, Alex Francisco de Carvalho, a direção não obteve os recursos considerados necessários para permanecer com a equipe principal. Se decidir retornar com seu departamento de futebol no futuro, a nível estadual, o Cerâmica jogaria a terceira divisão.

Essa é a história que contam os livros e os documentos escritos sobre o Cerâmica Atlético Clube. Para além dessa, cada morador de Gravataí e simpatizante do clube tem a sua história de alegrias e tristezas junto ao clube. Umas mais alegres, outras mais tristes. Algumas, talvez, somente alegres.

9- MINHA HISTÓRIA

A história da minha relação com o Cerâmica é pequena e composta de alegrias e tristezas. Após um longo tempo jogando futebol em escolinhas de categorias de base realizei testes para jogar no time do Grêmio e do Inter, não tendo sucesso. Tempos depois, como não tive sucesso em clubes maiores e já com uma história maior na categoria profissional, realizei um teste no Cerâmica Atlético Clube. Tinha 18 anos já. Também não fui aprovado.

Um pouco antes disso, aos meus 17 anos, participei de uns dois jogos do Cerâmica Atlético Clube como torcedor. Eu ia com meus amigos e torcíamos pelo time, pois era uma competição importante para o clube e a cidade estava mobilizada em ajudá-lo a alcançar grandes resultados. Apoiei bastante nos jogos que fui, pois acreditava no time da cidade e no momento bom que estava vivendo. Porém, não segui acompanhando os jogos nem virei um fiel torcedor.

Meus familiares também tem uma certa contribuição para a história do Cerâmica Atlético Clube. Meu irmão Pedro acompanhou alguns jogos, pois seu ex colega da escola jogava pelo Cerâmica no seu primeiro time profissional. Já minha irmã Raquel não teve contato nenhum com o clube. Meu pai, Miki, como vice-prefeito de Gravataí entre 1997 e 2000, auxiliou na organização do clube e na relação com os bairros da cidade. Minha mãe, Anabel, também votou projetos de lei que repassavam recursos para o Clube investir em projetos sociais, como as escolinhas de futebol nos bairros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Assim como na vida, o Cerâmica teve seus momentos altos e baixos, e uma trajetória longa e árdua. Um clube que começa com determinados jovens da indústria de conservas Farrapo, unidos apenas pela vontade de jogar futebol. Inicia como o 'primo pobre' dos clubes da cidade, mas se mantém firme, supera as dificuldades e, enquanto outros desistem ou perecem, dá a volta por cima e se estabelece hoje como um clube de respeito na região, chegando até a ganhar visibilidade nacional e tendo recursos de infraestrutura iguais aos de certos clubes da elite ou até melhores." (Hallal e Plentz, 2010, p. 95)

"Desde sempre, o Cerâmica Atlético Clube nasce e se desenvolve através da iniciativa privada de empreendedores de visão, desde Antônio Vieira, patrono do time, Sinval Dias, dono da antiga fábrica de conservas que deu nome ao clube, até Décio Becker, principal nome da era profissional. Esse desenvolvimento veio graças a todas as indústrias, patrocinadores e administradores que, junto com a população, acreditaram na ideia e ajudaram o clube nessa caminhada." (Hallal e Plentz, 2010, p. 95)

"Esse caminho foi percorrido juntamente com o desenvolvimento da cidade, o qual fez crescer as empresas e os empreendedores que hoje, sendo fiéis ao projeto da agremiação, têm condições de investir no clube. Claro que também não podemos esquecer que, por trás dos investimentos e das grandes empresas, existem pessoas cuja força de vontade foi, e ainda é, imprescindível para o Cerâmica. Antes da visibilidade e estrutura de hoje, o clube só podia contar com o trabalho de pessoas esforçadas que, na maioria das vezes, trabalhavam sem receber nada em troca, além da satisfação de participar de algo maior." (Hallal e Plentz, 2010, p. 95)

"Através desse trabalho, o clube foi crescendo. Por meio de investidores e de muita competência administrativa, se profissionalizou e, em menos de três anos, alcançou objetivos que muitos clubes profissionais de tradição ainda lutam para concretizar." (Hallal e Plentz, 2010, p. 95)

Ao todo, são seis décadas e meia de história: 65 anos de trabalho, desde a iniciativa dos jovens que, com as próprias mãos nuas, arrancavam as ervas daninhas do seu sagrado tapete verde. Nas décadas que seguem, repletas de conquistas, trouxe alegria e orgulho aos integrantes e simpatizantes deste querido clube. Ultrapassando as dificuldades com astúcia, e garra em tempos de crise, souberam dar uma resposta à altura do desafio, abrindo caminho para a nova geração de tricolores que estavam por vir e que transformariam o CAC para sempre.

Com tantos feitos realizados e ainda tantos a alcançar, podemos olhar o clube hoje e concluir que ele honra os seus antepassados, os quais, na dificuldade, nunca desistiram e sempre entregaram o corpo e alma e que tanto batalharam para o Cerâmica Atlético Clube ser o que é hoje.

Mais que um clube de futebol, o Cerâmica hoje é um agente social de suma importância, sendo uma entidade que integra a sociedade à sua volta de todas as formas possíveis. Agindo através de projetos sociais, o CAC auxilia na construção do futuro de milhares de crianças, adolescentes e jovens, dando esperança e cidadania à nova população de Gravataí e região.

REFERÊNCIAS

BRIDI, Teresinha. **Gravataí: história e cultura**. Gravataí, 2 ed. Gravataí, Stévia, 2000

PLENTZ, Eduardo Cicarelli; HALLAL, Paulo Tagori Gnoatto. **Cerâmica Atlético Clube: 60 anos de história**. Porto Alegre: Pacartes, 2010.

PREFEITURA de Gravataí. Disponível em:

<http://www.gravatai.rs.gov.br/site/cidade/historia.php>

www.ceramicaatleticoclube.com.br

<http://www.correiogravatai.com.br/>

<http://copafutebolrs.blogspot.com.br>

<http://www.ergonomia.ufpr.br/Tipos%20de%20Pesquisa.pdf>